

AS MULHERES PESQUISADORAS DO LAPEM DURANTE A PANDEMIA DE COVID – 19

Monika Reschke – UFPA
reschke.monik@gmail.com

Jamylle Maia – UFPA
jamyllepmaia@gmail.com

Joaquina Miranda – UFPA
joaquinaianca@gmail.com

Gercina Ferreira – UFPA
ferreiragercina@gmail.com

Esta pesquisa é resultado da análise da experiência vivenciada na pandemia de COVID -19 por mulheres pesquisadoras do Laboratório de Pesquisas em Memória e História da Educação (LAPEM), grupo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Educação Básica (PPEB) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA) do Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Educação Básica da Universidade Federal do Pará (NEB) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Como procedimento metodológico aplicamos as 14 mulheres integrantes do LAPEM (7 graduandas, 1 mestrandas, 5 doutorandas, 1 graduada) um formulário online contendo 20 perguntas objetivas e 1 subjetiva, garantimos o anonimato das participantes identificando-as pela palavra “INTEGRANTE” acompanhada de letras que as diferenciam.

Inicialmente a COVID-19 era uma epidemia, mas no dia 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou-a uma pandemia, se consubstanciando como um dos maiores desafios da humanidade no tempo presente. Diante desse cenário, o Ministério da Saúde editou medidas para conter a propagação do vírus que afetaram diretamente o meio educacional. No dia 17 de março de 2020 o Ministério da Educação por meio da Portaria nº 343 indicou a substituição das aulas presenciais por remotas. Diante da evolução da doença e da notificação de casos na Região Norte, a UFPA suspendeu as

atividades acadêmicas a partir do dia 19 de março de 2020 e perdura até a presente data.

Diversas pesquisas vêm sendo feitas a fim de compreender os impactos da pandemia na vida das mulheres pesquisadoras, pois o novo formato não presencial das Universidades “levou a uma sobrecarga das mulheres que são mães, cientistas e pesquisadoras, uma vez que elas precisaram criar novas rotinas de trabalho para cumprir com as diferentes tarefas da casa e com o seu papel como pesquisadora” (LIZARDO, 2021, p. 28). Um cenário de crise sanitária, de avanços e retrocessos políticos, que reforça a afirmativa de os direitos das mulheres são mais atingidos em momentos de crise política e econômica (VEIGA, 2018).

Com um olhar histórico verificamos que não são de hoje as dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao acesso à educação, principalmente no ensino superior, pois se as primeiras escolas de ensino superior foram fundadas no Brasil no ano de 1808, a mulher só teve direito a acessar o nível superior com a promulgação do Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879 e segundo Aranha (2006) somente em 1881 a primeira mulher se matriculou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Atualmente, verificamos uma expressiva participação feminina tanto nos cursos de graduação, quanto nas pós-graduações.

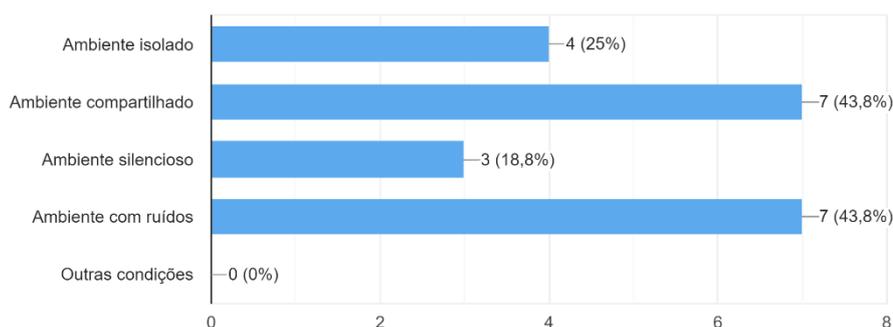
Dados da Plataforma Sucupira destacam mulheres na liderança. Desde 2004, são a maioria com títulos de doutorado e, em 2017, foram concedidos 21.591 títulos de doutorado no País, um crescimento de 4,8% em comparação com os 20.603 títulos concedidos em 2016. Desses, foram, no total, 11.751 destinados às mulheres, o que equivale a 54% do total, participação que se mantém nesse patamar desde 2014 [...] (LIMA, 2020, p. 83).

A partir dos resultados obtidos com o formulário destacamos alguns dados sobre as mulheres pesquisadoras do grupo de pesquisa LAPEM. Em um primeiro momento, perguntamos sobre o tempo de permanência no curso acadêmico, observamos que a maioria das integrantes já concluiu entre 25% a 50% do curso e apenas 3 iniciaram agora, o que pressupõe um tempo razoável para o

conhecimento das diretrizes do curso e para a apropriação da pesquisa que estão realizando.

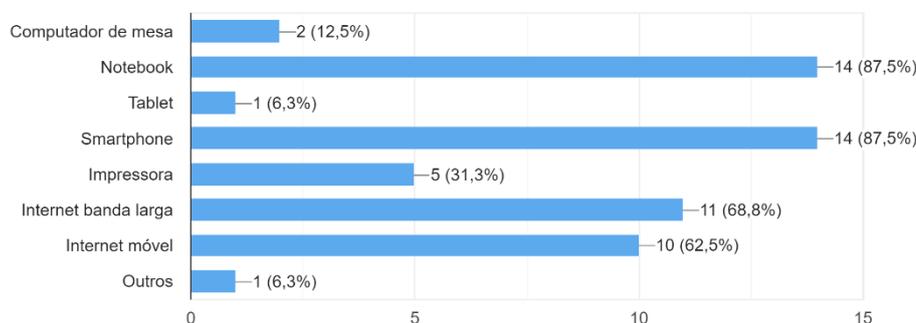
Um outro aspecto importante a analisar são as condições estruturais nas quais o ensino remoto está acontecendo, preponderantemente, em ambiente domiciliar, pois “uma coisa é acessar a plataforma; outra é ter condições materiais de estudo – ter uma mesa, um espaço silencioso, bem iluminado, por exemplo” (OLIVEIRA, 2020), explicou Ricardo Henriques, em entrevista ao site do G1. Nesta medida, o gráfico 1 nos chama a atenção ao fato de que a maioria das mulheres estão estudando em ambientes compartilhados e com ruídos e o gráfico 2, aponta a falta de recursos tecnológicos adequados, sendo um dado relevante a falta de internet de banda larga e/ou internet móvel, contudo todas possuem notebook e/ou smartphone.

Gráfico 1 - Condições objetivas para a realização das pesquisas acadêmicas



Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 2 - Recursos tecnológicos que as pesquisadoras dispõem



Fonte: Elaborado pelos autores

No que se refere ao exercício de alguma atividade remunerada (estágio, bolsista, vínculo empregatício), apenas duas disseram não exercer nenhuma atividade remunerada. Por outro lado, outros fatores foram apontados como elementos dificultadores da pesquisa durante a pandemia. De acordo com nossas entrevistadas, quase 70% são responsáveis parcialmente pelas tarefas do lar.

Por estar totalmente nos cuidados do lar durante esta pandemia, devido a questões de doença entre minha família e por ser a única mulher que sabe gerir melhor as tarefas domésticas, meu desempenho como estudante que faz pesquisa declinou. Além de não ter acesso a um notebook que faz eu depender de alguns familiares me emprestar quando preciso muito o que também causa um desestímulo por muitas vezes não poderem emprestar [...] (INTEGRANTE A).

Mais de 80% disse ter mais tempo para leituras acadêmicas, de participar de eventos científicos e para interagir no grupo de pesquisa. No entanto, isso não refletiu no volume de publicações, visto que 43,8% declarou não ter submetido ou publicado trabalhos acadêmicos nesse período.

Pessoalmente, o desgaste emocional é imenso, as responsabilidades triplicaram e apesar de passar mais tempo em casa, o tempo para fazer coisas relacionadas a trabalho e estudo não aumentaram. Infelizmente, as tarefas da casa só as mulheres fazem, o que eu acho um absurdo, porém se eu falar algo, eu que estarei errada. Moro com mulheres e homens, todas as mulheres trabalham e estudam. Dos homens, apenas um trabalha (mas não tem feito nada na pandemia). Eles são os que menos ajudam e vivem cansados. Acaba que aumenta o estresse, as vezes da convivência é insuportável, as crises de ansiedade aumentam, e a concentração para atividades acadêmicas acaba sendo atrapalhada. Eu tenho conseguido conciliar estudos e tarefas, mas o cansaço é extremo e a mente não fica saudável para ser extremamente produtiva (INTEGRANTE B).

Uma leitura crítica das respostas, nos permite afirmar que, assim como a maioria das mulheres, as pesquisadoras do LAPEM estão enfrentando dificuldades para realizar seus estudos, produzir e submeter trabalhos científicos, pois precisam conciliar as atividades acadêmicas com as tarefas domésticas, e em alguns casos, o cuidado com os filhos; a falta de recursos tecnológicos e de ambientes estruturados; e até mesmo a experiência de lidar com o estresse e enfrentar obstáculos de ordem emocionais.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. História da educação e da pedagogia: geral e Brasil. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

BRASIL. MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2019 [recurso eletrônico]. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2019.pdf. Acesso em: 16 de abr de 2021.

LIMA, J. P. Trajetórias de Mulheres na Pesquisa em Ensino de Ciências na Região Norte do Brasil. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência, da Faculdade de Ciências - UNESP, Bauru-SP, 2020.

LIZARDO, J. L. O desafio de produzir uma pesquisa no meio de uma pandemia: o olhar de uma pesquisadora estrangeira no Brasil. **SCIAS - Educação, Comunicação e Tecnologia**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 25–33, 2021.

OLIVEIRA, E. et al. **60% dos estados monitoram acesso ao ensino remoto**: resultados mostram 'apagão' do ensino público na pandemia. Portal G1, 06 de jul. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/07/06/60percent-dos-estados-monitoram-acesso-ao-ensino-remoto-resultados-mostram-apagao-do-ensino-publico-na-pandemia.ghtml>. Acesso em: 17 de abr de 2021.

VEIGA, A. M. **Movimento feminista na Primeira República**: transformações e permanências ao longo do último século – Entrevista com Alcileide Cabral. Scielo em perspectivas humanas, 23 de Agosto de 2018. Disponível em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2018/08/23/movimento-feminista-na-primeira-republica-transformacoes-e-permanencias-ao-longo-do-ultimo-seculo-entrevista-com-alcileide-cabral/>. Acesso em: 17 de abr de 2021.